Anno histórico, Diário Portuguez

ANNO HISTORICO, DIARIO PORTUGUEZ,

NOTICIA ABREVIADA

De pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal,

A SABER:

DOS SANTOS CANONIZADOS, E VAROENS VENERAVEIS EM SANTIDADE: Dos Fundadores de Religioens: Dos Summos Pontifices: Dos Cardeaes: Dos Arcebispos, e Bispos, que mais satisfizeraõ as obrigaçoens de Prelados: Dos Reys, Rainhas, Principes, Infantes: Dos seus nascimentos, bautismos, coroaçoens, e casamentos dentro, e fóra do Reyno: Dos filhos dos mesmos Reys, Principes, e Infantes, havidos fóra do matrimonio: Dos serenissimos Duques, e Duquezas de Bragança: de seus filhos, e filhas: Dos Varoens mais famosos em Armas, e valor: Dos mais insignes em letras, e Escritos: Dos Poetas, e Oradores mais singulares: Dos Ministros, e Cortezãos mais celebres: Dos milagres mais admiraveis: Dos Santuarios mais illustres: Dos Templos, e Mosteiros mais sumptuosos: Das batalhas, e victorias terrestres, e navaes: Das fundaçoens, conquistas, e defensas de Praças, e Fortalezas: Das navegaçoens mais decantadas: Dos descobrimentos de novos mares, e de novas terras: Das pazes celebradas entre Portugal, e outras Potencias: Dos sinaes do Ceo, monstros, pestes, naufragios, incendios, terremotos, e de todos os outros casos, tragicos, bellicos, politicos, e por outro qualquer modo memoraveis, pertencentes a Portugal, e succedidos, ou no mesmo Reyno, ou fóra delle.

OFFERECIDO

A ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR LOURENÇO JUSTINIANO DA ANNUNCIAÇAÕ,
Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista.

COMPOSTO

PELO PADRE MESTRE

FRANCISCO DE S. MARIA,
Conego Secular, Chronista, e Geral da Sagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, Lente de Filosofia, e Theologia, Qualificador do S. Officio, Examinador das trez Ordens Militares, Provedor do Hospital Real das Caldas.

TOMO PRIMEIRO.

Segunda vez impresso, e acrescentado, que contèm

JANEIRO, FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL,

LISBOA.
Na Officina, e à custa de DOMINGOS GONSALVES.

M. DCCXLIV.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

O título oficial da obra consultada é *Anno histórico, diário portuguêz, notícia abreviada, de pessoas grandes e cousas notáveis de Portugal.* Os seus autores são o Padre Mestre Francisco de Santa Maria([1]), da Congregação de São João Evangelista e o Padre Lourenço Justiniano da Anunciação([2]), da mesma Congregação. Este último, após a morte do Padre Mestre Francisco de Santa Maria, de quem fora cordial amigo, tratou da publicação póstuma do primeiro volume em 1714 e de rever, melhorar e dilatar a obra (acrescentando novas e contemporâneas efemérides), publicada na íntegra em 1744. O primeiro volume da obra, conheceu duas edições (1714 e 1744), o segundo e terceiro volumes foram apenas editados em 1744.

Trata-se de um conjunto notável de efemérides, ordenadas por dias do ano, em três volumes, muito patrióticos, onde se fala de santos e veneráveis, ilustres da monarquia e da Igreja, fogos e tremores de terra, fenómenos naturais e menos normais, batalhas, conquistas, casamentos, nascimentos e curiosidades também que tentam não deixar perder na história o que a memória não retém.

Não sendo uma obra de cariz comemorativo, o *Anno Historico, Diario Portuguez...* é, apesar da sua dimensão, um breviário histórico. É pautada por um grande e notável trabalho de investigação, e, apesar de serem evidentes várias informações incorretas (até errónias) na obra, não deixará de ser uma referência para o estudo da cronologia histórica portuguesa e um exemplo peculiar da historiografia setecentista.

Aparte as polémicas que suscitou, a sua maior falha terá sido, sem dúvida, a falta de indicações bibliográficas no seu conteúdo, tão

([1]) Filho do capitão Manuel Correia e de D. Maria da Silva de Azevedo, nasceu em Lisboa, a 11 de Dezembro de 1653. Estudou no Colégio de Santo Antão focando essencialmente a sua àrea de estudo no Latim e nas Humanidades. Prosseguiu os seus estudos na Universidade de Coimbra, onde alcançou o doutoramente em Teologia e aí foi lente, em Artes e Filosofia. Ascendendo ao topo hierárquico da sua Congregação (S. João Evangelista), desempenhou os cargos de reitor do Convento de Santo Eloy, em Lisboa, ascendeu a geral da mesma ordem. Foi também nomeado provedor do Hospital Real das Caldas da Rainha e da Santa Casa da Misericórdia. Historiador, cronista da História da sua Ordem e da de Portugal, correram rumores de que recusou uma oferta de D. Pedro II para exercer o cargo de Bispo de Macau. Igualmente foi qualificador do Santo Ofício e examinador das três Ordens Militares. Morreu a 3 de Novembro de 1713, deixando vasta bibliografia.

([2]) Nasceu em Arcos de Valdevez, a 8 de Janeiro de 1678. Filho de Domingos de Amorim e de Margarida Gomes, foi ordenado Cónego Secular Evangelista no Convento de Vilar de Frades, a 5 de Abril de 1692. Recebeo as insígnias doutorais de Teólogo, na Universidade de Coimbra, com apenas 16 anos, foi Qualificador do Santo Ofício e Examinador do Tribunal das três Ordens Militares. Exerceu também o cargo de Reitor do Convento de Santo Eloy, em Lisboa e de Geral da sua Congregação. Faleceu em 1755, não é assinalada mais nenhuma obra literária da sua autoria.

necessárias, e é caracterizada por alterações arbitrárias de postulados cronológicos, pelo que se aconselha alguma prudência na sua apreciação ([3]).

Sendo meu objeto de estudo, as Reais Propriedades de Mafra e o rei seu fundador, analizei a obra na busca de efemérides que se centrem nesse periodo histórico e na figura de Sua Magestade Fidelissíma, resultando o trabalho desenvolvido, na transcrição dos capítulos seguintes.

Pela beleza, originalidade, interesse e riqueza dos textos, perdoa-se alguma incongruência histórica cometida pelos seus autores.

([3]) O conteúdo historiográfico do Anno Historico, Diario Portuguez... foi sempre polémico e alvo de acérrimas críticas, uma delas, faz parte do prólogo da obra de D. José Barbosa – *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das Rainhas de Portugal e seus Filhos...*, - publicada em 1727, qua assinala e descreve a existência de graves erros e lacunas históricas, na obra do Pe Francisco de Santa Maria.

D. João V

"(…) VIGESSIMO SEGUNDO DE OUTUBRO (…)"

"(…) Neste dia, dedicado a Santa Maria Salomé, mãy do Apostolo, e Evangelista Saõ Joaõ; em hum Sábado pelas nove horas, e meya da manhã, anno de 1689. naceo em Lisboa o Príncipe Dom Joaõ, filho do Serenissimo Rey de Portugal, Dom Pedro segundo, e de sua segunda mulher, a Serenissima Rainha Dona Maria Sofia Isabel de Neoburg, em satisfaçaõ da grande resígnaçaõ, com que as mesmas Magestades levarão, e offereceraõ a Deos, como primícias da sua Real descendencia, o Principe Dom Joaõ, seu filho Primogénito, que no anno antecedente havia o mesmo Senhor levado para si. Como tal, o juraraõ os três Estados do Reyno juntos em Cortes no primeiro dia de Dezembro de 1697. Começou a Reynar em 9 de Dezembro de 1706. Foi acclamado Rey de Portugal no primeiro dia de Janeiro de 1707. Desposou-se em 9 de Julho de 1708 e cazou em 27 de Outubro do mesmo anno com sua prima com irmã([4]), a Serenissima Senhora Archiduqueza, Dona Maria Anna de Austria, filha do Emperador Leopoldo I. e da Emperatriz, Leonor Magdalena de Neoburg, como dizemos nos mesmos dias. Naceraõ deste Augusto Matrimonio a Senhora Infanta Dona Maria Barbara, Princeza das Austurias; o Príncipe Dom Pedro, que faleceo em idade de dous annos, e dez dias; o Príncipe do Brasil nosso Senhor. O Infante Dom Carlos, que morreo de dezanove annos, dez mezes, e vinte e oito dias: o Senhor Infante Dom Pedro, Prior do Crato; o Senhor Infante Dom Alexandre, que faleceo de quasi sinco annos. Declarou Princeza da Beira a sua primeira Neta, a Senhora Infanta Dona Maria, filha primogénita dos Serenissimos Príncipes do Brasil, nossos Senhores; Confirmou os títulos antigos dos Grandes da sua Corte em seus sucessores; Creou de novo atè o prezente o de Duque de Lafoens, os Marquezes de Angeja, de Gouvea, de Valença, de Abrantes, de Louriçal; os Condes de Redondo, de

([4]) Prima em primeiro grau. Os dois noivos eram primos diretos, por serem irmãs a rainha D. Maria Sofia de Portugal e a imperatriz Leonor Madalena, respectivas mães de Sua Majestade o Rei de Portugal e da Sereníssima Arquiduquesa da Áustria.

Vimieiro, de Povolide, de Lavradio, de Alva, de Sabugosa, de Sandomil. Mandou bater moedas de ouro de vinte e quatro mil reis, moeda do mayor valor, que corre no mundo; e de novo outras, que tem o seu retrato de huma parte, e da outra as armas de Portugal, com differente valor, que começando em humas de quatro tostoens, dobra em outras de oito tostoens, de dezaseis tostoens, de três mil e duzentos, de seis mil e quatro centos, e doze mil, e oito centos; e saõ estas moedas o dinheiro principal, e commum, de que se usa em Portugal no seu felice, e opulento Reynado, pelo que he chamado o Príncipe de Ouro.

Fundou, dotou, encheo a Igreja Patriarchal de Lisboa, do Padroado Real, de grandiosas innumeraveis peças de prata, e ouro, de muitas pedras preciosas, de armaçoens excellentes, de ricos ornamentos, de grandezas singulares, incomparáveis, que tem, com grossas rendas para vinte e quatro Principaes, setenta e dous Prelados, vinte Conegos, trinta e dous Beneficiados, trinta e dous Clérigos Beneficiados, e mais Ministros, de que se compõem as diversas Jerarquias da mesma Igreja, condecorando as três primeiras, com honras, preheminencias, e tratamentos especiaes, illustres, excellentes. À excelsa dignidade do Patriarcha unio a de seu Capellaõ mòr, e o mandou tratar com todas as honras, que se permitem nos seus Reynos aos Cardeaes da S. I. R.(5) *e lhe augmentou grossa renda, como dizemos em outra parte. Estabelecida no primeiro Patriarcha de Lisboa a sua grande dignidade, o Papa Clemente XII. lhe annexou tambem a Cardinalicia, creando-o Cardeal da S.I.R. e estabelecendo, que os successores do mesmo Patriarcha I. fossem perpetuamente creados Cardeaes da S. I. R. logo no Consistorio seguinte ao em que fossem preconisados Patriarchas de Lisboa. Fez reformar com titulo de Bazilica, e denominação de Patriarchal a Igreja de Santa Maria de Lisboa, e meter no Padroado Real a apresentaçaõ de Seus benefícios. Augmentou a Collegiada da Capella Ducal de Villa Viçosa da Serenissima Casa de Bargança com ornamentos riquissimos, com mais Ministros, Capellaens, e Cantores, autorizando o Deam com o caracter de Bispo, que ordinariamente se concedia ao Deam da Capella Real.*

(5) Santa Igreja Romana.

Fundou, e fez erigir de novo a Igreja Episcopal do Gram-Parà, no Estado do Maranhão; o Real Convento de Mafra; o de Louriçal de Religiosas observantes da primeira Regra de Santa Clara, com Laus perenne(6) *continuo de dia, e noite. Com magnificência Real ornou de peças de prata, e ouro, de armaçoens, de paramentos, de mais Ministros a Igreja do Hospital Real da Villa das Caldas, e a muitas deste Reyno, e de suas Conquistas ultramarinas; Dentro, e fora do Reyno se repararaõ, e ornaraõ Igrejas, e Mosteiros por sua conta, e despeza. À Igreja do Santo Sepulchro de Jerusalem mandou huma armação inteira de veludo lavrado sobretecido de ouro, com preciosos ornamentos, além das grandiosas esmolas, que todos os annos manda para aquelles Lugares Sagrados. Havendo hum incêndio abrazado, e arruinado o Mosteiro da Encarnação de Lisboa de Religiosas Comendadeiras da Ordem de São Bento de Aviz, o mandou fazer de novo com grande sumptuosidade. Por sua Real ordem, e especial devoçaõ se està renovando a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades de Lisboa, com a erecção de huma Collegiada, e de hum Palácio Real junto da mesma Igreja, com hum Collegio para instrucçaõ da mocidade, que comodamente aprenda naquelle districto as letras humanas, e sagradas. Para as obras das Igrejas, e casas das Congregaçoens da Missaõ de Saõ Vicente de Paulo, e de Saõ Filippe Neri do Oratório de Lisboa deu grossas esmollas, as mesmas aos Padres Jesuitas, aos Religiosos Capuchinhos Italianos, e aos de Saõ Francisco da Cidade.*

Mandou a todas as Cathedraes, e Collegiadas Regulares, e Seculares, que nellas se celebrasse a festividade da Conceiçaõ purissíma de Nossa Senhora, Padroeira do Reyno, como as mais solemnes, e principaes; e que em louvor de seu castíssimo Esposo, o Patriarcha S. Jozè, se fizesse huma Novena, antes do dia da sua Festa. Fez, com que na Igreja de S. Roque se cantasse no ultimo dia do anno, pelos benefícios nelle recebidos da maõ de Deos, o Te Deum, como se canta por muitos coros de Musicos, e pelo Povo, alternadamente, com grande solemnidade, e assistencia das Pessoas Reaes. Reformou a procissaõ antiga de Corpus

(6) Exposição permanente do Santíssimo Sacramento nas igrejas.

Domini, e ordenou a que agora se faz, em tudo magnifica, grave, devota, magestosa, e solemnissima. Tem patrocinado, e augmentado muito a perfeição do Canto, e culto Divino, e faz quanto póde para que se observe o Ceremonial do Rito, reformado pela Santa Igreja Romana, e sente, que em alguns Regulares, e Clérigos Seculares haja defeitos, dezejando que todos exercitem com perfeição as obrigaçoens do seu estado, e vivaõ louvavelmente, como devem.

Fez reformar os Cónegos Regulares de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra. Admitio no seu Reyno os Clerigos da Missaõ de São Vicente de Paulo, e os Religiosos Mínimos de S. Francisco de Paula. Honra, e favorece aos Regulares, e Clerigos perfeitos; aos sabios e virtuosos; aos Religiosos de Saõ Francisco, e muito especialmente aos da Província da Arrábida.

No anno de 1723. grassando em Lisboa huma epidemia[7]*, naõ quiz sahir da mesma Cidade, como o aconselhavaõ, por naõ desamparar aos miseraveis feridos daquelle mal, e a todos mandou soccorrer de todo o necessario, com grande despeza, e economia, como dizemos em outra parte. Padecendo a Comarca da Cidade de Beja huma geral esterilidade, mandou repartir pelos neccessitados grandes somas de dinheiro. O mesmo fez em Campo mayor no estrago, que padeceo com hum grande incêndio de pólvora. O mesmo está fazendo continuamente com pessoas muito graves de dentro, e de fora do Reyno, que se valem da sua natural, Christã, e Real commiseraçaõ; e naõ he menor, a que exercita com as Almas do Purgatório, pelas quaes, e pelas de muitos seus Vassallos, tem mandado dizer infinitas Missas.*

Ao ouro das virtudes servem de esmalte as letras, e muitas noticias, que tem adquirido com a continua lição de livros, e com as conversaçoens, e doutrinas de grandes sabios, que se admiravaõ, e se admiraõ os que ainda vivem, da sua altissima comprehençaõ, das duvidas, que propoem, e excellentes razoens, que dà sobre as dos mesmos sabios, e dos Ministros, que tem a honra de o ouvirem. Certamente tem amor, em summo gráo, à verdade, e a toda a erudiçaõ

[7] Epidemia de febre amarela, causou cerca de 6000 mortos em Lisboa, no ano de 1723.

sagrada, e profana. Já se sabe, que sendo amigo das letras, e dos livros, havia de ajuntar, como tem feito, huma bella, admirável, e taõ numerosa livraria, que occupa muitas casas, e com instrumentos mathemáticos, admiraveis relogiós, e com muitas cousas raras, e preciosas da natureza, e do artificio. Também he obra sua o nobre edificio, e o augmento da grandiosa livraria publica da Universidade de Coimbra. A Academia dos Arcades de Roma o elegeu seu Alumno, e Protector, com o nome de Pastor Albano; e pelo Conde das Galveas, seu Embaixador extraordinario naquella Corte, mandou fazer hum novo, e sumptuoso edifício com nobres casas para as liçoens, e conferencias da mesma Academia, e sobre a sua porta principal tem huma inscripçaõ de seu Real Protector, e Bemfeitor. Instituhio em Lisboa a Academia Real da Historia Ecclesiastica, e Secular Portugueza; e Academias militares em todas as Províncias. Augmentou a renda dos Ministros, e Officiaes das três Inquisiçoens do Reyno.

Como sabio, e advertido naõ consentio que a Coroa de Portugal perdesse hum ponto da honra, e estimaçaõ, que se lhe devia, comparada com as dos outros Soberanos da Europa, assim na Curia Romana, na reputaçaõ de Nuncios de caracter proporcionado, e nomeaçaõ de Cardeaes; como nas outras Cortes, em quanto às pessoas dos Embaxadores, e outros Ministros da representaçaõ no que toca à immunidade, e ceremonial regulado. Na pompa, grandeza, e apparato, com que mandou Embaxadas, e as recebeo dos mesmos Príncipes, deixou a perder de vista, e da memoria todas as antecedentes. Fez, com que a Sé Apostolica expedisse as Bullas para os Bispados antigos de Portugal, naõ de outro modo, mas como apresentaçoens do Padroado Real do mesmo Reyno. Dividio o expediente do seu Real despacho por três Secretarios de Estado, que creou de novo. Promulgou admiraveis leys para melhor administraçaõ da Justiça, e do Comercio; para as cortezias, e tratamentos; contra as armas curtas; e outras utilissimas ao bem publico. Saõ obras Suas: A sumptuosissima da conduçao da agua para Lisboa, do sitio chamado Aguas livres, em distancia mais de duas legoas, por aqueductos de arcos de muito grande, e magnifica construçaõ, que excede a todas semelhantes fabricas antigas, e modernas: O novo Rio

Tejo, que fez abrir para comodidade da navegação: O novo, e dilatado edifício da pólvora: O novo Arsenal: Os novos Armazens de Lisboa, e de Extremoz: A nova casa da moeda: A estupenda maquina para còrte das madeiras dos pinhaes de Leiria, e as novas fabricas das armas, e peças de artelharia: A grande Fabrica das sedas, télas, tessûs, e estofos de ouro, e prata, que naõ cedem aos de fora do Reyno: As fabricas de excellentes Vidros, de Marroquins, de Atanados([8]), que também naõ cedem às de outros Paizes. Em Bellem, junto a Lisboa, fez com grande custo três Casas Reaes de Campo: Erigio na meio da Cidade hum sumptuosissimo Palacio para os Serenissimos Duques de Bargança, e reedificou o de Villa Viçosa, e o fez ornar com os retratos de todos os Senhores daquella Serenissima Casa. Também saõ obras suas os Palacios de Mafra, dos Pègoens, e das Vendas Novas, e os augmentos sumptuosissimos, que se tem dado, e se estaõ dando à igreja Patriarchal, e ao Palacio Real da Ribeira de Lisboa. Na mesma Cidade fez alargar muitas ruas, e a dilatou, e augmentou muito notavelmente com mais bairros, ruas, e nobres casas. Reedificou os sumptuosos edifícios do Senado Supremo da Justiça, da Alfandega, do tabaco, e do despacho da Cidade.

Tendo-se admirado a pompa, e magestade, com que se avistou com as Pessoas Reaes Hespanhollas na occasiaõ das trocas das Serenissimas Senhoras Princezas do Brasil, e das Asturias, na casa Real sobre o Rio Caya, de que fallamos em outra parte; ainda se admirou mais a prompridaõ com que, em menos de trez mezes, poz em campanha na raya de Portugal hum poderoso, e luzido Exercito de mais de quarenta mil homens, e na barra de Lisboa huma grande Armada, qne auxiliavaõ vinte e sinco Naos Inglezas; e naõ se chegou a rompimento de guerra por se comporem, e satisfazerem reciprocamente. À instancia do Papa Clemente XI mandou por duas vezes huma grossa Esquadra naval em auxilio da igreja, e dos Venezianos, contra os Turcos, como dizemos em outros lugares. Para augmento de comercio, mandou na America povoar a Ilha de Santa Catharina, e fazer no Rio Grande da prata huma grande

([8]) Cabedais curtidos em processo que utiliza tanino, extraído de casca de carvalho e de outras plantas.

Fortaleza, e outra na ilha das Cobras junto do Rio de Janeiro. Em Africa mandou arrazar outra, que tinhaõ feito na Costa de Guiné, e em que se tinhaõ estabelecido, os Armadores Francezes. De huma vez mandou vir do Norte duas mil peças de artelharia, que fez distribuir por algumas Praças do Reyno, e das Conquistas. Para a índia tem mandado grossas Armadas, bem providas de dinheiro, de soldados, de Officiaes, e de petrechos de guerra para aquelle Estado; sem perdoar a despeza, ou diligencia, que possa servir, e conduzir para a conservação, e augmento da sua Monarchia, utilidade, e gloria da Naçaõ Portugueza. Sobre tudo, he amigo jurado da Justiça, da piedade, da paz, do segredo, da honra, da generosidade, da verdade, da virtude, da Religião. Em quanto durar sobre a terra a memoria dos homens, será immortal, e glorioso o nome, e o felice, e respeitavel Reynado del Rey DOM JOAM V. NOSSO SENHOR. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves"*, 1744 – Págs 200 a 206.

O juramento real

"(…) primeiro de Janeiro de 1707 (…)"

"(…) No mesmo dia, em Sabbado, anno de 1707, foi o sereníssimo Príncipe D. João, filho legítimo, herdeiro e sucessor del Rey D. Pedro II, e da Raínha D. Maria Sofia Isabel, levantado, e jurado Rey de Portugal, V do nome, e XXIV entre os Reys Portuguezes. Prevenio-se hum magestoso theatro, junto à segunda galeria dos Paços Reaes, que occupava todo o vaõ della, em comprimento de trezentos e setenta palmos, e largura de trinta e sete, cujo pavimento estava cuberto de preciosas alcatifas da India, e as paredes, tecto, janellas, columnas, e todas as outras partes daquelle grande corpo ornadas de brocados, veludos, damascos, e de outras tellas, e sedas de varias cores, franjadas de ouro, e de riquíssimas armaçoens de pannos de raz, tecidos de ouro, e seda, e em muitas partes se viaõ bordadas de ouro, e prata, com admirável perfeição, em varias tarjas, as Quinas Reaes Portuguezas, o que tudo representava huma alegre, vistosa, e magestosa representaçaõ. No fim desta grande màquina se via levantado com as costas no Forte, que cahe sobre o Rio, hum estrado, que occupava a toda a largura do pavimento, de quatro degraos, e sobre este outro de dous, cubertos ambos de riquissímas alcatifas. No mais alto do estrado pequeno se poz huma cadeira cuberta com hum panno, debaixo do docel, tudo de tella carmesim, bordada de ouro, e que no docel se viaõ, também bordadas de ouro, e formadas com admirável primor, no meyo, as armas Reaes, e aos ladosas figuras da Justiça, e da Prudencia. Pela huma hora depois do meyo dia baixou do seu aposento o Serenissimo Principe com Opa rossagante de tella de prata com flores de ouro, forrada de outra tella carmesim com flores do mesmo, e vestido de veludo com abotoadura de diamantes, e no peito huma venera guarnecida também de diamantes de grande valor, com o habito de Christo, espadim da mesma sorte, e no chapeo huma joya, que prendia toda a aba delle, pessas de grandissima estimação. Trazia-lhe a falda da Opa D. Pedro Luiz de Meneses, Marquez

de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, e Gentil-homem da Camara de Sua Magestade, que estava de semana. Pouco mais adiante, e immediato a Sua Magestade, vinha o Serenissimo Infante D. Francisco com o estoque desembainhado, e levantado, fazendo o officio de Condestavel do Reyno; e logo à mão esquerda de Sua Magestade vinhaõ os Serenissimos Infantes D. Antonio, e D. Manuel, e pouco adiante, vinha Vasco Fernandes Cezar fazendo o officio de Alferes mór, por se achar ausente no Governo do Estado do Brazil, seu pay Luiz Cezar de Menezes, e trazia a bandeira Real enrolada. Precediaõ os officiaes da casa com as suas insignias, e todos os Titulos, e Bispos, que se achavaõ em Lisboa, e eraõ em grande numero: Todos os do Conselho de Sua Magestade, e senhores de terras, Alcaydes móres, Fidalgos, e os Ministros dos Tribunaes da Corte, e Prelados das Religiões, e todos [sem exceição alguma] assistiraõ em pé, e descubertos, como se estilla em actos semelhantes. Precediaõ a este lusidissimo acompanhamento os Reys de Armas([9]*), Arautos, Passavantes(*[10]*) vestidos com suas cotas, e os Porteiros da Cana(*[11]*) com suas massas de prata, e outros com suas canas nas mãos, e os Moços da Camara. Começando a entrar Sua Magestade naquelle grande theatro, tangeraõ os menistres, charamellas, trombetas, e timbales, e no mesmo tempo se abriraõ as janellas do Paço, que cahiaõ sobre a varanda, e na ultima junto ao forte, a qual ficava defronte do Trono Real, se poz a Serenissima Senhora Infante D. Francisca, e esteve Sua Alteza em pè, assistida da Marqueza Aya, e nas janellas seguintes estiveraõ as suas Damas, e Donas de honor, e as principaes Senhoras da Corte. Tanto que Sua Magestade chegou ao Estrado superior, logo sobio a elle Affonso de Vasconsellos, e Sousa, Conde de Calheta, Reposteiro mòr, e descubrio a Cadeira, que estava prevenida, e nella se sentou Sua Magestade, e tomou da maõ do Marquez*

([9]) Fazem parte dos denominados Oficiais de Cerimónias, são os principais Oficiais de Heráldica da Casa Real estando-lhes confiado o registo dos brasões, a confecção das cartas de brasões de armas que eram concedidas e a observância das leis heráldicas.

([10]) Passavante é um oficial heráldico de 3º nível, subordinado ao Rei de Armas. É uma espécie de arauto encarregue de anunciar a paz, ou a guerra.

([11]) Fazem parte do grupo dos denominados Oficiais de Cerimónias, tinham como funções principais preceder o cortejo real a cavalo e anunciar as visitas. Portavam instrumentos de sopro rústico denominados po Canas.

de Marialva hum cetro de ouro, e à sua maõ direita, na ponta do mesmo estrado, se poz em pè, e descuberto, como viera, o Serenissimo Infante Dom Francisco com o estoque levantado, e da mesma parte, no mesmo estrado, ficaraõ também em pè, e descubertos os Serenissimos Infantes Dom António, e Dom Manoel, e o Marquez de Marialva ficou de traz da Cadeira, em que Sua Magestade estava sentado, como Gentil-homem da Camara, que estava de semana. Da mesma parte direita, em sima do ultimo degrao do estrado inferior, se poz o Alferes mòr com a bandeira Real enrolada, e de huma, e outra parte do mesmo Estrado se puzeraõ os Bispos, e Títulos, sem precedencias, e os Senhores de terras, Alcaydes mores, e Fidalgos, e Ministros dos Tribunaes, e Prelados das Religioens, todos nos lugares, em que cada hum se achou, e melhor se pode acomedar. Fez a pratica o Doutor Manoel Lopes de Oliveira, o mais antigo entre os Dezembargadores do Paço, e acabada esta, subio o Reposteiro mòr ao estrado mais alto, e poz diante de Sua Magestade huma Cadeira raza de tella carmesim, cuberta com hum pano da mesma, e sobre elle huma almofada da mesma tella, e sobre esta se poz hum Missal, e huma Cruz, e posto Sua Magestade de joelhos sobre outra almofada, que tinha aos pés, passando o Cetro á maõ esquerda, tendo-lhe maõ no chapeo o Marquez de Marialva, pondo a maõ direita sobre o Missal, e Cruz, sendo testemunhas do juramento de Sua Magestade o Bispo Cappellaõ mór, o Bispo de Coimbra, o Bispo de Leyria, e o Bispo da Guarda, que se chegaraõ, e puzeraõ de joelhos junto á Cadeira de Sua Magestade, jurou Sua Magestade na fórma seguinte:

Juro, e prometo de, com a graça de Deos, vos reger, e governar bem, e direitamente e de vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, líberdades, e franquezas, que pelos Reys meus predecessores vos foraõ dados, outorgados, e confirmados.

Feito o dito juramento, se sentou Sua Magestade da fórma em que antes estava, e os Bispos se retiráraõ para os seus lugares, e se afastou a Cadeira, em que estava a Cruz, e Missal, para a parte esquerda, a fim de terem lugar os que jurassem, de hirem, logo depois do juramento,

beijar a maõ a Sua Magestade. A primeira pessoa, que jurou, foi o Serenissimo Infante Dom Francisco, fazendo a Sua Magestade as devidas, e costumadas reverencias, e passando o estoque à maõ esquerda, se poz de joelhos junto à Cadeira raza, e pondo a maõ direita sobre a Cruz, e Missal fez o juramento, preyto, e menagem, dizendo estas palavras.

Juro aos Santos Evangelhos corporalmente com minha mão tocados, que eu recebo por nosso Rey, e Senhor Verdadeiro, e natural ao muito Alto, e muito Poderoso Rey Dom Joaõ o Quinto nosso Senhor, e lhe faço preyto, e menagem, segundo foro, e costume destes Reynos.

E tanto, que acabou de jurar, foi beijar a maõ a Sua Magestade, que lha deu, levantando-se em pè, tirando-lhe o chapeou lançando-lhe os braços ao pescoço, e assim como este juramento foi feito, logo o Alferes mòr desenrolou a bandeira Real. Juraraõ immediatamente os Serenissimos Infantes Dom António, e Dom Manoel, na mesma fórma, que o fizera o Serenissimo Infante Dom Francisco, e na mesma forma foraõ recebidos, e tratados de Sua Magestade já naõ disseraõ, porèm, todas as palavras do precedente juramento, disseraõ, referindo-se a elle: Eu assim o juro, e faço o mesmo preyto, e menagem. Logo se seguio a jurar o Duque D. Jayme, e pondo a maõ sobre a Cruz disse: Eu assim o juro e prometo, e foi beijar a maõ a S. Magestade; logo se seguiraõ os Títulos, com precedência dos Marquezes aos Condes, mas dentro de cada huma destas classes, sem precedências, dizendo cada hum: Eu assim o juro, e prometo. Seguiraõ-se os Bispos, e logo os Fidalgos; e os Ministros, e mais pessoas, que estavaõ presentes jurarão na mesma fórma, e todos; feito o juramento, hiaõ beijar a maõ a Sua Magestade. Acabados os juramentos, logo o Alferes mór com a bandeira Real desenrolada, disse, do lugar onde estava, em vòs alta: Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor ElRey Dom Joaõ Quinto nosso Senhor; E repetindo o mesmo os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, ajudados das pessoas, que assistiaõ ao acto, tocàraõ os menistris, charamelas, trombetas, e timbales, que acompanhados dos repiques de todos os Conventos, e Parroquias da Cidade, e dos vivas de infinito povo, que se achava no

amplissimo terreiro do Paço, formávaõ huma confuzaõ igualmente estrondosa, e plausivel. Repetio-se a mesma acclamação, sobindo o Alferes mòr a hum estrado de trez degraos, que estava no meyo do theatro, e dizendo em voz mais alta, voltado para o povo, as palavras jà referidas, as quaes renovaraõ nelle as primeiras demonstraçoens da sua alegria, amor, e fidelidade. Logo se levantou Sua Magestade, e com o cetro na mão, encostado ao peito, precedido dos mesmos, que o haviaõ acompanhado, voltando-se trez vezes para o povo, e detendo-se por espaço não breve, para que os coraçoens, e os olhos daquella immensa multidaõ pudessem lograr á vontade a vista do seu amado Príncipe, e Senhor, passou à Capella Real, que estava riquissimamente armada, onde rendeo as devidas graças ao Supremo Senhor, por quem os Reys reynaõ, e se deu fim a este pomposo, e solemnissimo acto. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Primeiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs 12 a 16.

O casamento

"(…) nono de Julho de 1708 (…)

"(…) Rezolvendo El Rey Dom Joaõ V. nosso senhor cazar com Sua prima a Serenissima Archiduqueza, Dona Maria Anna de Austria, filha do Emperador Leopoldo I. e da Emperatriz, Leonor Magdalena de Neobourg, a mandou pedir ao Emperador Jozé reinante, irmaõ da mesma Princeza, por Fernaõ Telles da Sylva III. Conde de Villar Mayor, Embaxador Extraordinário del Rey, e seu Gentil-homem da Camera; o qual chegando á Corte de Vienna a 21. de Fevereiro de 1708. teve audiência particular do mesmo Emperador, e da Emperatriz sua mulher, e da Emperatriz viuva do Emperador Leopoldo, e no dia seguinte, 1. de Março, das Serenissimas Archiduquezas, contra o costume daquella Corte, que naõ a costuma dar aos Embaxadores antes da sua entrada publica; fazendo dispensar naquelle ceremonial o grande parentesco das Magestades Cezarea, e Portugueza. Esperou o Embaxador que de Hollanda lhe chegassem alguns coches, e cavallos, e se fizessem os aprestos para a sua publica entrada, que fêz com pompa, e magnificencia, e admiraçaõ da Corte de Vienna, na tarde de 7. de Junho do mesmo anno, em que a Igreja celebrava a festa de Corpus Domini, passando no dia antecedente todo o seu apparato para Inzersdorf, distante huma legoa, donde os Embaxadores costumaõ fazer as suas entradas na Cidade. Posto em marcha o Conde Embaxador, encontrou junto de Vienna ao Conde de Waldestein Marechal da Corte, que o conduzio com dous coches do Emperador, e quarenta e dous, tirados a seis cavallos, mandados pelos Cavalleiros principaes da Corte com os seus Gentis-homens. Continuou-se a marcha, hindo diante hum Furriel do Emperador, e o seguiaõ por sua ordem os coches dos Cavalleiros da Chave dourada, depois os dos Ministros, e Conselheiros de Estado, e logo hum coche do Emperador, em que hia o Secretario da Embaxada, António Rodrigues da Costa com o Secretario do Emperador, o Baraõ de Ruessenstein-Truches, com dous criados do Portuguez, às portinhollas, com librès azues agaloadas de

ouro, e vestes de borcado. Seguiaõ-se a pè trinta homens do Conde Embaxador, todos vestidos de pano fino encarnado com galoens de prata, e seda, que faziaõ duas alas a hum magnifico coche do Emperador, em que hia o Conde Embaxador com o Conde de Waldestein, Marechal da Corte, a que acompanhavaõ nas estribeiras quatro homens da guarda, e librè da Corte. Depois se seguiaõ quatro Palafraneiros; depois o Estribeiro, e doze Pagés do Embaxador, vestidos de finissima escarlata, coberta de galoens de prata, vestes de tissu semeado de flores de ouro, com plumas encarnadas nos chapeos, todos montados em cavallos bem ajaezados com chareis verdes, guarnecidos de galoens de prata, e as crinas entrançadas com fitas verdes. Depois todo o trem do mesmo Embaxador, que se compunha de seis cavallos da sua pessoa com riquissimos jaezes, levados á mão por féis Palafraneiros com a mesma libré, depois os Sota-Cavalhariços, e logo o primeiro coche do Embaxador, em tudo riquissimo, e de bom gosto, tirado por seis cavallos, cor de ferro, com os cabos brancos, cobertos de excellentes arreyos de velludo, agaloados de ouro, com plumas brancas, e encarnadas; e junto delle hia o do Embaxador de Veneza, o do Bispo de Vienna, e logo seis coches do Embaxador, em que hiaõ dezasseis Gentis homens, quasi todos Portuguezes com singulares vestidos: Com esta ordem passou pelo Paço da Favorita, onde estava o Emperador Jozé com a Emperatriz, e Archiduquezas suas filhas nas janellas em publico vendo a entrada, querendo deste modo nunca visto, moftrar a satisfaçaõ, que tinha daquella Embaxada. Por entre innumeravel povo, que concorreo, e celebrou com grandes aplausos, se recolheo o Embaxador ao seu Palácio, que tinha magnificamente ornado.

No dia seguinte o foi buscar o Conde Gundacharo Poppone de Dietrichstein com os mesmos dous coches do Emperador, a que se seguiaõ os do Embaxador de Veneza, com todo o estado do Conde Embaxador, e foi levado ao Paço da Favorita à audiência publica dos Emperadores reynantes, e pouco depois foi ao Paço de Vienna à audiência da Emperatriz viuva, e das Archiduquezas, recebendo de todas as Pessoas Cezareas honras singulares. A 24. de Junho deu o

Embaxador nova libré, e muito mais rica, a toda sua família. Aos Pagens casacas de veludo carmezim, bordadas de ouro, e vestes de tissu de ouro; aos homens de pè, Palafraneiros, e cocheiros, casacas de escarlata, agaloadas de ouro com vestes de veludo verde, guarnecidas do mesmo galaõ, e chapeos agaloados com plumas encarnadas, e amarellas; os Gentis-homens, e mais pessoas de distinçaõ com vestidos ricos de differentes invençoens; e seguido de todo o seu luzido, e magnifico estado, às onze horas do mesmo dia sahio do seu Palácio à audiência do Emperador, e lhe pedio a Serenissíma Archiduqueza Maria Anna para esposa delRey Dom Joaõ seu senhor, que o Emperador com muita satisfaçaõ lhe concedeo; e passando ao Palacio da Emperatriz Mãy, lhe fez a mesma suplica, a que respondeo com tanto gosto, que mandou chamar a nova Rainha, a quem o Embaxador, entregou o retrato delRey em huma joya de diamantes de grande valor, digna de quem a mandava, e de quem a recebia. Neste mesmo dia se assinou o tratado do cazamento, que se havia concluído, sendo as condiçoens principaes, que o Emperador dotava a Serenissima Archiduqueza, sua irmã com cem mil escudos, ou coroas de ouro, de valor cada hum de quatro placas da moeda de Flandres, que se contariaõ em Amsterdaõ, ou em Génova, como parecesse a EIRey de Portugal, que era o mesmo dote, que tivera a Serenissima Archiduqueza Marianna, filha do Emperador Fernando III. quando cazou com EIRey Catholico Dom Filippe IV. de Castella, e que o Emperador faria todas as despezas à nova Rainha, naõ só à sua pessoa mas a toda a sua comitiva, até o ultimo porto marítimo, em que embarcasse na Armada: e que EIRey de Portugal lhe satisfaria o dote, e arras, com todas aquellas condiçoens costumadas em semelhantes Tratados, e lhe daria as terras, rendas, e padroados, que haviaõ tido as mais Rainhas Portuguezas. De noite houve baile no Paço, atè as seis horas da manhã, em que dançaraõ as Magestades, e Príncipes; assistio nelle o Embaxador, o qual no dia seguinte fez no seu Palácio hum magnifico festejo, a que assistiraõ os senhores, e senhoras da Corte, e as Damas do Paço por especial obsequio. O Emperador lhe mandou hum candieiro, duas fontes, e dous brazeiros, tudo de prata. Ao Secretario, a

Antonio Rabello, e ao Thezoureiro da Embaxada, mandou anneis de diamantes; ao Medico, Estribeiro, e Escrivaõ, cadeas de ouro com medalhas com o seu retrato, guarnecidas de alguns diamantes. Na tarde de 7. de Julho sahio a Rainha da Corte de Vienna na forma seguinte. Hiaõ diante os Mestres das Postas, e Officiaes do Conde de Paar com libré carmezim agoloada de prata, a que se seguia hum troço de cavallaria, e immediatamente o coche, em que hia o Emperador, depois o das duas Emperatrizes com a Rainha, depois o das trez Archiduquezas, a que seguiaõ os coches das Damas, e Officiaes da Casa Imperial, que cobria hum corpo de cavallaria, e huma companhia de Granadeiros. Nesta forma foraõ á Cathedral de Santo Estevaõ, e depois de fazerem oraçaõ marcharaõ para a Cidade de Closterneybourg, que dista meya legoa da de Vienna; e se apozentaraõ no soberbo Palácio, que nella tem o Emperador. Na tarde deste dia, em que estamos 9. de Julho do mesmo anno, se celebraraõ os desposorios das Magestades Portuguezas, sendo Procurador delRey o Emperador, que se recebeo com a Rainha, e com todas as demonstraçoens, que se haviaõ praticado com a de Castella. O Cardeal de Saxonia-Zeits foi o Parocho deste Sacramento, e o Conde Embaxador lhe fez prezente de hum dos seus coches com seis cavallos, e aos Capellaens, que assistiraõ, fez distribuir diversas dadivas, com que ficaraõ satisfeitos. Celebrado o desposorio, as Emperatrizes, mãy, e cunhada da Rainha a conduziraõ até o estribo do coche, em que foi introduzida pelo Conde Embaxador, e despedindo-se com grande ternura das Magestades Cezareas, entre vivas, e aplausos do povo, e três salvas de artelharia, marchou para a Cidade de Corneybourg, passando o Danúbio sobre huma ponte de barcas, feita só para este fim. No dia seguinte todos os Portuguezes tiveraõ a honra de beijarem a maõ à sua Rainha. A Emperatriz sua mãy, acompanhada das duas Archiduquezas suas filhas, a veyo vizitar, e pouco depois chegou o Emperador com a Emperatriz sua esposa, e jantaraõ todos com a Rainha, e à noite, entre lagrimas, e expressoens ternissimas, se despediraõ, recolhendo-se a Closterneybourg, e Vienna. Na mesma tarde os Magistrados das duas Austrias foraõ comprimentar a Rainha, e lhe offereceraõ em huma rica

bolça o donativo de trinta mil florins. No dia seguinte onze de Julho continuou a Rainha a sua jornada, hindo diante hum Official da Posta a cavallo para mostrar o caminho, a que se seguiaõ os coches de sete Cameristas do Emperador, os Condes de Keysel, de La Tour, de Kinbur, de Breyner, de Kevenhiller, de Martiniz, e de Staremberg, dos quaes os primeiros quatro acompanharaõ a Rainha até Portugal, depois dous Mestres das Postas com todos Officiaes do Conde de Paar, e logo o coche do mesmo Conde, e com elle o Bispo Príncipe de Laubach, vulgarmente Lubiana, Embaxador do Emperador a Portugal; a que se seguia o coche da Rainha com a Condessa de La Tour, sua Camereira mòr, acompanhado de soldados da guarda do Emperador, depois os coches das Damas, dos Confessores, e de outras pessoas. Nesta ordem seguiaõ a jornada atè Hollanda, passou a Haya, e em bergantins pelo Canal de Delfst à Cidade de Roterdam, onde no dia seguinte fez o Bispo, Embaxador do Emperador, solemne entrega da Rainha ao Conde Embaxador Portuguez, e este se despedio do Conde de Paar, e da mais familia Cesarea, dando joyas de diamantes às pessoas de distinçaõ, e mandando repartir quantidade de dinheiro pela familia inferior, com que todos se retiraraõ muito satisfeitos. Continuou-se a viagem em Yachts entre repetidas salvas de artelharia, decendo pelo rio Moza até Brilla, onde se dezembarcou; aqui se despediraõ da Rainha os Deputados dos Estados Geraes, e do Almirantado, que a vieraõ servindo, e a mesma attençaõ fizeraõ, por seus Enviados, os Príncipes, e Potencias dominantes nas terras circunvizinhas. Intentou-se continuar logo a viagem, mas o tempo se poz taõ contrario, que foi precizo demorar-se a Rainha em Brilla, até que com o parecer do Almirante Buker, e dos mais cabos Inglezes, tornou a Rainha a embarcar-se a 3. de Outubro, e navegando felizmente, a 5. do mesmo mez ancoraraõ em Portsmouth, que aplaudio a sua chegada com repetidas salvas de artelharia das Fortalezas, dos navios de guerra, e dos mais, que se achavaõ naquelle porto; onde a estavaõ esperando o Enviado de Portugal, D. Luiz da Cunha, e o Conde de Gallaz, Enviado do Emperador, e pouco depois chegaraõ de Londres o Duque de Grafton, e Milord de La Vares a comprimentar a Sua Magestade da parte

da Rainha Anna, e do Príncipe Jorge, offerecendo à sua ordem aquella Armada Ingleza. Compunha-se esta de dezoito naos de guerra, commandada pelo Almirante Bings, e de cento, e cincoenta navios de comercio. A 17. de Outubro entrou a Rainha com a sua comitiva na Real Anna, Capitania, que tinha oito centos homens de lotação, e cem peças de artelharia, com huma salva geral da Cidade, Castello, e de todos os navios da Armada, que pelas seis horas do dia seguinte seguinte deu à vela para Portugal, e a 26. do mesmo mez entrou pela barra de Lisboa com todos os navios da Armada, de transporte, e de comercio. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Segundo, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs 334 a 340.

A chegada da Raínha

"(…) VIGESSIMO SÉTIMO DE OUTUBRO DE 1708 (…)"

No anno de 1708, havendo entrado no dia antecendente ao em que estamos, pela barra de Lisboa, e dado fundo na enceada de Saõ Joseph, a Armada ingleza, que conduzia a Serenissima Rainha de Portugal, Dona Maria Anna de Austría; foi logo o Conde de Villa Verde, Vedor da Fazenda Real, offerecer tudo o que podia necessitar a Armada; O Conde de Santa Cruz, Mordomo mòr, levou à Rainha hum recado delRey; pelo senhor Infante Dom Francisco, o levou o Conde dos Arcos, Gentil-homem da sua Camera; pelos senhores Infantes Dom Antonio, e Dom Manoel, o levou o Conde Meirinho mòr, seu Ayo; e pela senhora Infanta Dona Francisca, Dom Christovaõ Joseph da Gama, Vedor da casa da Rainha. Neste dia, em Sábado, levando ancora a Capitania, subio pelo Tejo, que se achava cuberto de infinitas embarcaçoens, empavezadas de bandeiras, flâmulas, galhardetes, ao som, e estrondo de instrumentos musicos, e bélicos de trombetas, clarins, aboazes, dos canhoens dos navios, e Fortalezas, dos sinos dos Conventos, e Parroquias da Cidade, deu fundo a Capitania, defronte do Paço, onde estava huma magnifica ponte, e logo por ella, sendo duas horas da tarde, sahio a embarcar-se ElRey Dom Joaõ V. nosso senhor, acompanhado dos serenissimos Infantes, Dom Francisco, Dom Antonio, Dom Manoel, e de toda a Corte. Hia ElRey vestido de huma seda parda, seguindo a pragmatica, com botoens ds diamantes, habito, e prezilha do chapeo das mesmas pedras de hum grande valor; mais que tudo brilhava, e levava todas as attençoens a natural galhardia, o singular agrado, e magestoso desembaraço da pessoa delRey. Ao entrar no bergantim Real, que era riquissimo pela fabrica, e adornos preciosos, lhe deu a maõ o Conde de Villa Verde, a quem tocava por preheminencia do cargo, que tinha de Vedor da Fazenda Real das Armadas. Depois de ElRey, e dos Infantes seus Irmãos, entraraõ os Conselheiros de Estado, os Gentis homens da Camera, o Porteiro mòr, o Secretario de Estado, e outros Officiaes, a que

he concedida a entrada no bergantim Real. A este acompanhavaõ outros muitos com toldos de ricas sedas, e telas com grande numero de remeiros luzidamente vestidos, em que hiaõ os grandes, e senhores principaes da Corte. Tanto, que o bergantim Real abordou a Capitania, abateo esta a sua bandeira, e vieraõ ao ultimo degrào da escada do seu portalò receber a ElRey o Almirante Bings, e Milord Galoway, e subio ElRey acompanhado dos que haviaõ entrado no bergantim Real; Chegando à porta da Camera, sahio a Rainha a recebello, e se saudaraõ os Augustissimos Consortes com reciprocas satisfaçoens, e cortezias. Os serenissimos Infantes, Dom Francisco, Dom Antonio, e Dom Manoel, hindo a por-se de joelhos para bejar a maõ à Raínha, inclinando-se ella o não consentio. Desceraõ os Reys para o bergantim, trazendo ElRey pela mão á Rainha da parte esquerda, e os Infantes a diante, e toda a Corte, que o havia seguido. Separado o bergantim da Capitania, disparou esta toda a sua artelharia, sendo seguida de toda a Armada, e de todos os navios, que estavaõ no rio, e das Torres, e Fortalezas. Tanto que as Magestades desembarcaraõ na ponte, mandou ElRey cobrir os grandes, começou a Marqueza de Unhão a exercitar o cargo de Camereira mòr da Rainha, largando-lhe a cauda, em que atè alli pegava a Condeça de LaTour, que viera exercitando o mesmo officio. No fim da ponte, jà no saguaõ, antes de subir a escada, estava a serenissima Infanta D. Francisca, assistida da Marqueza de Fontes, sua Aya; seguião-se a senhora Dona Luiza, meya irmã da serenissima Infanta, depois a Duqueza de Cadaval, depois as senhoras de honor, e Damas, todas com preciosissimas joyas, e galas. Pertendeo a Infanta bejar a maõ à Rainha, e esta o naõ consentio, e lhe correspondeo com carinhosos abraços. Desde alli atè a Capella Real, para onde foraõ, tudo se via ornado de admiráveis pinturas, e preciosas armaçoens; e chegando os Reys ao final, fizeraõ oraçaõ, ficando a Rainha à maõ esquerda delRey, e à da Rainha os serenissimos Infantes Dom Francisco, Dom António, Dom Manoel, e Dona Francisca. Receberaõ as bênçãos nupciaes, que lhe lançou, revestido em Pontifical, Nuno da Cunha de Ataide, Bispo Capellaõ mòr, e com o mesmo acompanhamento se recolheraõ a Palácio, detendo-

se algum tempo no Camerim da Rainha. Naquella noite cearaõ em publico juntas as Magestades, e Altezas, servidas de todos os seus criados, e Officiaes da Casa Real. Benzeo a meza o Capellaõ mòr, e no fim deu as graças, estando neste tempo em pé as Magestades, e Altezas. Na mesma noite, e nas duas seguintes, esteve illuminada toda a Cidade; as Torres, Fortalezas, e Navios repetiraõ as salvas de toda a sua artelharia; No Paço se continuaraõ em muitas noites excellentes musícas, e serenatas; Houveraõ fogos de artificio de admirável idea no terreiro do Paço: Correraõ-se touros em trez tardes, a que assistiraõ suas Magestades, e toda a Corte; foraõ Cavalleiros deste festejo Real o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, o Conde do Rio Grande, e o Conde de Saõ Lourenço, com grande apparato, luzimento, e desembaraço; O Visconde também teve a vantagem de levar diante vinte e quatro negros cativos, vestidos muito luzidamente, e cada hum levava a sua carta de alforria, e liberdade, com que ficava. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs 248 a 250.

Nascimento e batismo da princesa

"(…) quarto de Dezembro de 1711 (…)"

"(…) Neste dia, em Sexta feira, das nove para as dez horas da manhã, anno de 1711. naceo em Lisboa a Princeza Dona Maria Bárbara, filha dos Reys de Portugal Dom Joaõ V. e Dona Maria Anna de Austria Nossos Senhores. Logo toda a Nobreza acodio ao Paço, e o Terreiro se vio cheyo de huma grande multidaõ de povo, que com vivas, e alegrias festejavaõ aquella felicidade. O Nuncio do Papa, o Embaxador do Império, e mais Ministros Estrangeiros tiveraõ audiencia, em que reprezentaraõ da parte dos seus Soberanos a grande satisfaçaõ, que lhes cauzava a dita do mesmo nacimento. El-Rey desceo á Capella, acompanhado dos Infantes seus irmãos, dos Grandes, Officiaes da Casa Real, e de toda a Nobreza; Cantou-se Missa em acçaõ de graças, e Te Deum com grande solemnidade, e prégou o Bispo de Angola, Dom Frey Jozé de Oliveira. Expedirão-se Decretos ao Regedor das Justiças, ao Governador do Porto, e ao Conselho de Guerra para se soltarem os prezos, na forma que se costuma, quando nacem os Príncipes, e Princezas herdeiras do Reyno; e por todo se fizeraõ grandes festejos, e aplausos. (…)"

"(…) decimo oitavo de Dezembro de 1711 (…)

"(…) No mesmo dia, em Sexta feira, anno de 1711. foi bautizada com os nomes de Maria, Barbara, Xavier, Leonor, Thereza, Antónia, Josefa, a serenissima Princeza primogenita dos Reys de Portugal D. Joaõ V. e D. Maria Anna de Austria nossos Senhores, pelo Bispo Capellaõ mór, Inquisidor Geral, Nuno da Cunha de Ataíde, com assistencia dos Bispos de Leiria, de Angola, de Hyponia, do Maranhaõ, de Lamego, de Tagaste. Levou-a nos braços o Duque de Cadaval, Mordomo mór da Rainha; e as insígnias levaraõ o Duque Dom Jayme, os Marquezes das Minas, pay, e filho, os de Fronteira, e de Fontes. Foi Padrinho o Infante Dom Francisco seu tio, e Madrinha a Emperatriz Leonor sua avó, e com procuração sua tocou o Senhor Infante Dom Antonio, Tiveraõ as varas do paleo os Condes

de Avintes, de Saõ Vicente, de Aveiras, de Villa Verde, Conselheiros de Estado, e o Marquez de Niza, e o Conde dos Arcos. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves"*, 1744 – Págs 434, 435 e 508.

Batismo do Príncipe do Brasil

"(…) vigessimo sétimo de Agosto de 1714 (…)"

"(…) Neste dia, anno de 1714. foi bautizado com os nomes de Jozé Francisco António Ignacio Norberto Agostinho, o Serenissimo Principe do Brasil([12]), filho del-Rey Dom Joaõ V. de Portugal, e da Rainha Dona Maria Anna de Austria; pelo Cardeal da Cunha, Capellaõ mor, Inquisidor Geral, com assistencia dos Bispos de Vizeu, de Leiria, do Porto, de Elvas, de Tagaste, de Hiponia, de Angola, de Patara. Foi Padrinho ElRey Luiz XIV. de França, e com sua procuração o seu Embaxador Reynaldo de Mornay, Abbade de Orleans; Madrinha a Emperatriz Isabel Amalia, por quem tocou a Senhora Infanta Dona Francisca. Levou-o á Pia o Duque de Cadaval, Mordomo mor da Rainha, debaixo de hum rico Paleo, em cujas varas pegaraõ os Marquezes de Cascaes, e Alegrete, os Condes da Ribeira Grande, de Sarzedas, dos Arcos, de Santiago. Levou o Salleiro o Senhor Dom Miguel, o Duque Dom Jaime o Maçapaõ, a véla o Marquez das Minas, a veste candida o Marquez de Fronteira, a toalha o Marquez das Minas, Dom Joaõ de Sousa. Acompanhava a Marqueza de Santa Cruz sua Aya, e todos os Grandes, e Officiaes da Casa Real. O Papa Clemente XI, lhe mandou as Faxas bentas por seu Núncio Extraordinario, Dom Jozé Firrau, Arcebispo de Nicèa, que fez a sua entrada publica a 23. de Julho de 1715. conduzido pelo Conde de Assumar, Conselheiro de Estado, e no dia seguinte em audiencia publica entregou as Faxas a ElRey de que o Papa fazia prezente ao Príncipe, recitando huma Oraçaõ Latina muito elegante. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Segundo, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves"*, 1744 – Págs 597 e 598.

([12]) Nasceu a 6 de Junho de 1714, efeméride brevemente assinalada na página 171 do segundo volume.

A primeira pedra

"(…) decimo sexto de Novembro de 1717 (…)"

"(…) O Real Convento de Nossa Senhora, e Santo António, junto a Mafra da Província Franciscana da Arrábida, cuja magnificencia, e sumptuosidade todos admiraõ; foy fundaçaõ da Augusta Magestade del Rey Dom Joaõ V. nosso senhor por desempenho do voto, que fez a Deos, se lhe désse a successaò de que carecia, depois de ser trez annos cazado com a serenissima senhora Dona Marianna de Austria: Foi este voto insinuado por Fr. António de Saõ Joseph, ReÍigioso Leigo da mesma Província, e de muita virtude; e passadas poucas semanas se conheceo, que Deos aceitara a promessa, e ElRey começou a cumprila, dando no anno de 1717. principio à sobredita fundação, a que foi assistir com grande parte da Corte.

Abertos os alicerces da Igreja, se fabricou sobre elles em fortes mastros hum magestoso Templo de madeira, cuberto por cima de velas de navio, e por baixo de panos de raz, e de seda, as portas, e janellas com ricos cortinados; via-se no pavimento da Igreja hum coro de Cadeiras de espaldar para os Illustrissimos Conegos da Igreja Patriarchal; hum Coreto para os muzicos, dous citiaes hum para ElRey, outro para o Patriarcha, e huma bancada para os titulos.

Neste dia do mesmo anno o lllustrissimo Dom Filippe de Sousa dos Condes do Redondo, Chantre da igreja Patriarchal, revestido Pontificalmente, assistido de muitos ministros paramentados, benzeo a Cruz, que se havia de colocar na Capella mòr do novo Templo, a qual tinha vinte, e dous palmos de comprimento, e os braços recostados sobre hum altar, e o seu pè sobre huma almofada de damasco franjada de ouro. Concluida a benção, se fez a adoraçaõ da Cruz na mesma fórma, que se faz na semana santa: Em primeiro lugar os Ecclesiasticos paramentados, depois ElRey, depois a Communidade dos Religiosos Arrabidos, depois os titulos, e fidalgos da Corte, e ultimamente as mais pessoas, que se acharaõ prezentes: Cantando o Coro o Hymno Vexilla

Regis prodeunt(13): quatro Sacerdotes paramentados arvoraraõ a Cruz, e a colocaraõ no lugar em que se havia de erigir o altar mór; e com o sonoro estrondo de clarins, timbales, e boazes, se concluio a função deste dia, e no seguinte se fez a da primeira pedra fundamental com a pompa, e solemnidade que diremos. (…)"

"(…) decimo setimo de Novembro de 1717 (…)"

"(…) No mesmo dia, anno de 1717. se lançou a primeira pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora, e Santo Antonio junto a Mafra com a solemnidade seguinte. Fabricada no campo huma grande casa de madeira, sahio della pelas oito horas da manhã huma procissaõ, que constava de sessenta, e quatro Frades Arrabidos, do Clero das Freguezias circumvizinhas, dos Ministros, Beneficiados, e Conegos mitrados da Igreja Patriarchal, a que se seguia revestido Pontificalmente o Patriarcha Dom Thomaz de Almeyda, e ElRey Dom Joaõ V. Nosso Senhor, com a Corte. Chegada esta procissaõ á Igreja, que se formou de madeira, como já dissemos no dia antecedente, benzeo o Senhor Patriarcha a pedra fundamental, que tinha de quadratura dous palmos, e meyo, e ajudado de alguns Conegos a levou procissionalmente em hum andor ao alicerce, descendo por huma escada de trinta degraos, e dez palmos de largo. Levavaõ outros Conegos huma Urna de pedra primorosamente lavrada, que continha em si o que logo se dirá. Lançou hum mestre da obra hum coche de cal(14), onde se havia de sentar a pedra, e logo pegando Sua Magestade em huma colher de prata de pedreiro estendeo a cal, sentaraõ a pedra, e á sua cabeceira a Urna; e sobre a pedra lançou o Esmoler mor(15) de cada dinheiro, que se acunha

(13) Trata-se de um dos mais antigos hinos de celebração da Igreja Católica, foi escrito no século VI, por Venantius Fortunatus, e foi cantado pela primeira vez numa procissão a 19 de novembro de 569, quando uma relíquia da verdadeira Cruz, enviada pelo Imperador Justino II do Oriente, a pedido de Santa Radegunda, foi realizada com grande pompa de Tours até ao mosteiro de Saint-Croix em Poitiers.

(14) Tabuleiro usado para transportar a cal amassada.

(15) Esmoler-Mor do Reino é um título correspondente a um cargo oficial na corte dos reis de Portugal, reservado a eclesiásticos, qu supervisionavam todas as acções caritativas e esmoleres que cabiam aos soberanos. Outras grandes casas senhoriais portuguesas tinham também os seus esmoleres, sendo necessário identificar de que esmoler se tratava em concreto, ao referi-lo. O Esmoler-Mor, dispunha de pessoal habilitado que dirigia o expediente, sob a alçada do Esmoler-Menor, estando geralmente sempre presente nas grandes cerimónias de função da Monarquia Portuguesa, e por vezes intervindo na vida política. Os esmoleres-mores dos soberanos portugueses foram consecutivamente, por direito inerente ao

em Portugal, ouro, prata, e cobre doze moedas, que faziaõ em numero trinta e seis dinheiros de ouro, cento e outenta de prata, e quarenta e oito de cobre. Dentro da Urna estava hum cofre de prata sobre dourado, que guardava a escritura feita em pergaminho, pela qual, e porque motivo se obrigou ElRey a fazer aquelle Templo; e outro pergaminho com a noticia de quem benzeo a Cruz, e a primeira pedra: tinha mais dous vidros cheyos dos Santos Oleos; dous Agnus Dei(16) *em duas caixas de prata, hum de Innocencio XI. e outro do Papa reynante Clemente XI. doze medalhas, quatro de ouro, quatro de prata, e quatro de bronze, da grandeza de huma palma de mão: Nas de ouro tinha a primeira o retrato delRey de huma parte, e da outra o da Rainha; a segunda de huma parte a Imagem de Santo Antonio, e da outra hum Templo; a terceira tinha o retrato do Pontífice reynante de huma parte, e da outra as suas armas; a quarta tinha de huma parte o retrato do Patriarcha, e da outra as suas armas: as de prata, e bronze tinhaõ as mesmas figuras. Continuou o Senhor Patriarcha benzendo os alicerces em toda a sua circunferencia. Cantaraõ depois os Conegos a hora da Terça: Seguio-se a Missa de Pontifical com a mayor solemnidade; e acabada esta pegou Sua Magestade em huma pedra de marmore lavrada, de doze, que tambem se tinhaõ benzido, de palmo, e meyo de comprido, e em hum cestinho dourado a levou ao lugar, onde se tinha sentado a primeira; levaraõ as mais em cestinhos prateados o Padre Provincial da Arrabida, o Padre Francisco Pedrozo da Congregação do Oratório, o Padre Joaõ Seco Preposito de São Roque da Companhia de Jesus, os Cameristas, e Officiaes mayores da Casa Real, pegando dous no cestinho; e ultimamente levaraõ quatro titulos cada hum seu coche de cal. Postas estas pedras ao redor da primeira, continuaraõ logo sobre ellas os mestres da obra hum pedaço de parede de oito palmos de altura para melhor segurar aquelle thezouro. Com hum grande estrondo de clarins,*

---

cargo cedo adquirido, os Abades de Alcobaça. O cargo é extinto em 1834, com a extinção das ordens religiosas. Fonte: http://dicionario.sensagent.com/esmoler-mor%20do%20reino/pt-pt/

(16) Relíquias de cera, com um cordeiro em relevo. Expressão latina que significa também literalmente "O cordeiro de Deus".

timbales, e boazes se acabou esta função com grande solemnidade, e magnificencia pelas tres horas da tarde. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs 343, 344, 347, 348 e 349.

A troca das princesas

"(…) decimo nono de Janeiro de 1729 (…)"

"(…) Havendo chegado com grande pompa, e Magestade, e com toda a grandeza da sua Corte, os Reys de Portugal á Cidade de Elvas, ao pôr do Sol do dia antecedente, e quasi à mesma hora, que chegaraõ á Cidade de Badajoz os Reys Catholicos com a numerosa grandeza de toda a sua Corte, resolveraõ fazer logo neste dia do anno de 1729. o acto das trocas das duas Serenissímas Senhoras Princezas do Brasil, e de Asturias; para o que concorreraõ ambas as Cortes de Portugal, e Castella, às casas[17]*, que para este effeito se tinhaõ fabricado sobre a ponte do Caya, onde huma, e outra entrarão ao mesmo tempo. Todos se avistaraõ com summo gosto, e demonstraçoens de contentamento; e depois de se abraçarem, e estarem algum tempo conversando em pé, se assentaraõ defronte huns dos outros, e chegando-se duas mezas cubertas de tissu, se apresentaraõ os papeis pertencentes àquelles actos, os quaes Suas Magestades assinaraõ com todos os Príncipes das duas Reaes familias*[18]*. Acabado este acto foraõ as duas Camareiras mores de Portugal beijar a maõ à Serenissima Senhora Princeza do Brasil, fazendo reverencia às Magestades, e o mesmo fizeraõ as de Castella à Serenissima Senhora Princeza de Asturias; a que se seguiraõ os Cavalleiros de huma, e outra Corte. Levantaraõ-se os Reys para se despedirem, e estiveraõ algum tempo sem se poderem apartar, reprimindo as lagrimas, a que os provocava a saudade das duas Princezas. Ambas seguiraõ as Cortes dos Príncipes seus Esposos. Suas Magestades, e Altezas, se recolheraõ com a Senhora Princeza do Brasil a Elvas; e havendo-se apeado na Igreja Cathedral, receberaõ Suas Altezas as Bençãos Nupciaes do senhor Patriarcha, a que se seguio o Hymno Te Deum. Festejou a praça de Elvas taõ gloriosa funçaõ com varias*

[17] A cerimónia fez-se literalmente a meio do rio, numa grande ponte-palácio de madeira ricamente decorada, construída para a ocasião, com vários pavilhões em ambas as margens também.

[18] O ajuste destes dois casamentos reais, foi publicado e celebrado, em Lisboa e Madrid, a 9 de Outubro de 1725, tal como nos dá notícia breve desse acontecimento, esta obra no seu terceiro volume (pág. 151).

descargas da sua artelharia, e os moradores della com acclamaçoens, luminárias, e fogo do ar, repetindo o que ja tinhaõ feito nas noites antecedentes. A 20. pela manhãa beijaraõ todos os Grandes a maõ a Suas Magestades, e Altezas. A Princeza nossa Senhora fez vários presentes aos senhores Infantes Dom Pedro, Dom Francisco, e Dom Antonio, e todos jantaraõ em publico com assistencia de toda a Corte. De noite, depois de hum grande fogo de artificio, houve no Paço huma serenata, como ja se tinha feito na noite antecedente. (...)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Primeiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs 125 e 126.

A sagração

"(…) vigessimo segundo de Outubro de 1730.(…)"

"(…) No anno de 1730. neste dia, em Domingo, em que fazia quarenta annos([19]) de idade EI Rey Dom Joaõ V. Nosso Senhor, sagrou o Senhor Patriarcha o novo, e magnifico Templo, que a mesma Magestade fez edificar para os Religiosos Arrabidos de Saõ Fancisco, junto á Villa de Mafra, dedicado à Virgem Nossa Senhora, e ao glorioso Santo Antonio, natural, e protector deste Reyno, como dizemos em outros lugares; a qual função se fez com grande pompa, e magnificência, e com a Real assistencia de Suas Magestades, e Altezas; a que também concorreraõ os Senhores Cardeaes, muitos Grandes, e Prelados, e o Collegio dos illustrissimos Conegos da Igreja Patriarchal. Pelas sete horas da manhã deu o Senhor Patriarcha principio à sagraçaõ, e se continuaraõ os ritos com tanta solemnidade, que acabaraõ pelas sinco horas da tarde, deixando clausurado no Altar da Capella mor em huma caixa de prata sobre dourada as reliquias dos doze Apostolos, e de Saõ Paulo, Saõ Lucas, Saõ Marcos, e Saõ Bernabè. Logo immediatamente se cantou a hora da Terça, celebrou o mesmo Patriarcha a Missa Pontifical, que pela riqueza de paramentos, armonia de musicos, e multidaõ de Ministros, se fez inexplicavel a sua solemnidade. Depois se cantaraõ as horas de Sexta, e Noa([20]); e no fim se ouvirão os estrondos de seis grandes Órgãos, das descargas de quatro Regimentos de milícias, e dos repiques de cento e dezaseis sinos, (alèm dos de dous relogios, Portuguez, e Italiano) que, tem duas torres, e em cada huma hum corrilham, ou orgaõ de sinos, composto cada hum de quarenta e nove. Os da primeira grandeza tem de pezo oito centas arrobas, e vem vindo em demínuiçaõ, para fe acomodarem com as vozes da Solfa; Pelo engenho das rodas, tocaõ por

([19]) Óbvio erro, quarenta e um anos e não quarenta, está conforme o original.

([20]) Na Liturgia das horas, a denominada Hora Intermédia, ou também chamada Hora Média ou Oração das Nove, das Doze e das Quinze horas, destina-se a santificar o decorrer do dia, estando no intermédio das duas horas principais, Laudes (de manhã) e Vésperas (ao fim da tarde). É formada pelas três horas chamadas menores, por terem uma importância menor no contexto da proposta de oração diária e por serem mais simples e breves: Terça ou Tércia, pelas 9h00, Sexta, pelo meio-dia e Nona ou Noa, pelas 15h00.

mãos de hum homem perito, os sons de vários Hymnos, e Minuetes. Obra rara, admirável, e perfeitamente executada. Naõ cabe na nossa limitação, e brevidade, a narraçaõ das grandezas, e sumptuosidades daquelle Real Convento. Pelas sete horas, e meya da noite foi gentar a Communidade, que se compunha de trezentos, e vinte Frades; e com admiraçaõ, e confusaõ delles; depondo ElRey o chapeo, e espadim, servio com grande piedade os pratos à meza, acompanhado do Príncipe N. Senhor, e do Senhor Infante D. Antonio. Posto o terceiro prato, ordenou ElRey, que para mayor expedição, o acompanhassem tambem os seus Cameristas, e assim se servio a meza atè se por, e tirar o ultimo prato, que foraõ na quantidade com grandeza Real. Acabado o gentar, voltaraõ as Pessoas Reaes, com a Commumidade dos Religiosos para o Coro a ouvir o Sermaõ, depois do qual se cantaraõ Vesporas, e Completas; e pouco depois, por ser jà meya noite, se cantaraõ Matinas, que acabaraõ pelas tres horas da manhã, e depois dellas se recolheo ElRey ao Palácio da sua acomodação, donde tinha sahido no dia antecedente pela sinco horas da manhã, sem admitir em taõ largo tempo algum descanço. Continuou-se a solemnidade por todo o Oitavario com a mesma pompa, e magnificência. Os Bispos de Leiria, Portalegre, Patára, e Nankim sagraraõ os Altares de dez Capellas da mesma Igreja. Oito Pregadores de melhor nome, filhos das oito Províncias de São Francisco deste Reyno, pregaraõ os oito Sermoens, que houve no Oitavario, e a tudo assistiraõ ElRey, o Príncipe, os Senhores Infantes, e Cardeaes, e a melhor parte da Corte. (…)"

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomo Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves"*, 1744 – Págs 212 a 214.

Biografia consultada

Anunciação, Lourenço Justiniano da e **Maria**, Pe Francisco de Santa – "**Anno Histórico, Diário Portuguez**" – Tomos Primeiro, Segundo e Terceiro, Lisboa, *"na officina e à custa de Domingos Gonsalves",* 1744 – Págs já assinaladas por artigo.

Dias, Eurico Gomes - «***Tudo aquilo que passa são apenas alegorias: o Anno Historico, Diario Portuguez … [1714-1744]***» - Mátria Digital, Novembro de 2015, Págs 261 a 267.

Barbosa, Joze - ***Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das Rainhas de Portugal e seus Filhos*** – *"Na oficina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real"* - Lisboa occidental, 1727 – Págs 29 a 31.

https://escritoreslusofonos.net/2019/01/28/padre-francisco-de-santa-maria/
Nota biográfica do Pe Francisco de Santa Maria – 10/07/2021.

https://escritoreslusofonos.net/2018/09/05/lourenco-justiniano-da-anunciacao/
Nota biográfica do Pe Lourenço Justiniano da Anunciação – 10/07/2021.

http://dicionario.sensagent.com/esmoler-mor%20do%20reino/pt-pt/
Esmoler-mor do Reino – 16/07/2021.

Índice

Paulo Salcedas, Julho de 2021.